

‘La Sylphide’ traz estrelas do balé a BH

Belo Horizonte assiste hoje, às 21 horas, no Grande Teatro do Palácio das Artes, à apresentação de uma das obras-primas da dança clássica mundial: “La Sylphide” — coreografia de Philippe Taglioni, com música de Schneitzhoeffter — reconstituída originalmente por Pierre Lacotte, ex-bailarino do Ópera de Paris. A montagem, que pela primeira vez aporta em palcos brasileiros, conta com a participação do Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e, nos papéis principais, duas grandes estrelas do Ópera de Paris: Elizabeth Platel e Manuel Legris.

A obra estreou no Teatro Ópera de Paris em 1832, transformando-se num marco do Romantismo na dança. Repercutiu tanto que influenciou social e culturalmente as grandes nações naquele período. “La Sylphide” marcou a mudança dos temas mitológicos até então explorados pela dança, para o culto ao leve, ao evanescente, que no mundo inteiro se traduziu através do fascinante mito da bailarina etérea.

A montagem do espetáculo em terras nacionais se deve ao produtor cultural belga radicado no país Jacques Roger Missault — detentor dos direitos do balé no Brasil durante dez anos —, que, com o apoio do Banco Francês e Brasileiro, promove a turnê, que depois do Rio e São Paulo chega a Belo Horizonte, apresentando-se finalmente em Brasília, na próxima sexta-feira.

Posteriormente, o Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro continuará apresentando a coreografia, com Ana Botafogo e outras estrelas da companhia nos principais papéis. Depois de adquirir os direitos de montagem da obra no país, o belga Jacques Missault os repassou ao grupo carioca, que deverá cumprir temporadas variadas no Rio e em outras capitais.

A história da reconstituição de “La Sylphide” tem início na década de 70, quando Pierre Lacotte levou o espetáculo à televisão francesa, com Ghislaine Thesmar e Michel Denard nos papéis principais. Mais tarde, além de uma nova montagem no Ópera de Paris, o espetáculo percorreu parte da América Latina, América do Norte, Europa e Japão. A mais recente montagem se deu novamente em Paris, no ano passado. E é exatamente com os mesmos cenários e figurinos que “La Sylphide” chega pela primeira vez ao Brasil.

A arqueologia do romântico na dança, segundo Lacotte

“Impossível deixar desaparecer a obra-mestra do repertório da dança clássica. É como um arqueólogo que chega e redescobre uma cidade que sumiu do mapa.” Assim Pierre Lacotte, responsável pela reconstituição do original de “La Sylphide”, de Philippe Taglioni, mais de um século depois de sua criação, justifica o seu trabalho.

Bailarino e coreógrafo com passagens por companhias como a do Ópera de Paris, este francês simpático e atento acompanhou os mínimos detalhes da turnê do espetáculo que depois de BH segue para Brasília. Em coletiva à imprensa na cidade, Pierre ressalta que a obra permite às novas gerações entrar em contato com “um painel completo da técnica da dança”, salientando ter sido exatamente a técnica a maior dificuldade para a reconstituição da coreografia, marco do Romantismo na dança.

Acompanhado dos primeiros bailarinos do Ópera de Paris, Manuel Legris e Elizabeth Platel — que estão representando os principais papéis em “La Sylphide” na atual temporada —, Pierre recorda que pesquisou para a reconstituição da obra entre 1966 e 1972, e sua preocupação básica foi com a interpretação romântica no balé, hoje praticamente restrita às escolas da França, Dinamarca e União Soviética.

Para Pierre, os avanços tecnológicos contribuem sensivelmente para o não-desaparecimento desta técnica clássica de dança, entre eles o vídeo e outras linguagens do registro da imagem, que serão utilizados mais tarde para colocar a geração futura em contato com este tipo de arte.

Empolgado com a receptividade que “La Sylphide” vem recebendo no Brasil, o coreógrafo não sente receio algum em deixar a obra entregue ao Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que ainda em setembro fará uma temporada naquela cidade com elenco totalmente brasileiro. Nos principais papéis, Ana Botafogo e Paulo Rodrigues, que recebem elogios do francês (apesar de este conhecê-los apenas através de vídeos).

Entre as obras em que já trabalhou ou ainda pretende trabalhar em termos de resgate estão: “Copélia”, “Natália” e “Borboleta”, além de “A Sombra”, do mesmo autor de “La Sylphide”. Pierre não quer, entretanto, limitar-se ao balé clássico. Apesar de sua paixão pelos românticos, pretende dar continuidade ao seu trabalho de criação contemporânea.

Afinal, sugere, “o que hoje parece moderno, amanhã poderá vir a ser clássico”. Elizabeth Platel, que há cerca de dois anos dançou “O Lago dos Cisnes” no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, garante que a sua primeira preocupação na interpretação da obra foi com relação à noção de sonho que ela transmite. Além disso, ela ressalta a sensualidade e a leveza da mulher do século passado, presentes em “La Sylphide”. Já Manuel Legris acredita que, apesar da predominância do papel masculino na obra, este é apenas um pivô no contexto.



MOATTIKLEINEFENN

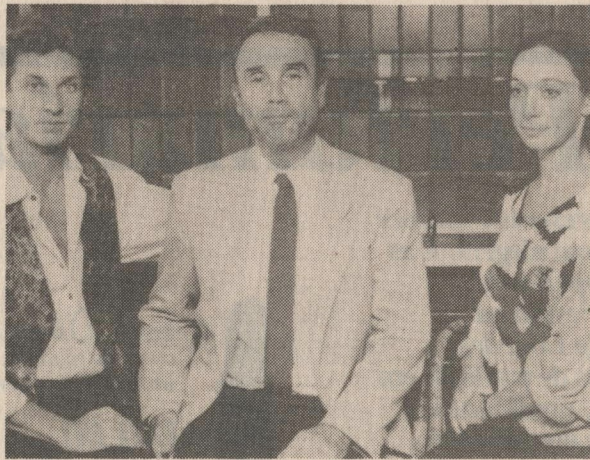
LA SYLPHIDE

Balé de Philippe Taglione reconstituído por Pierre Lacotte. Música de Schneitzhoeffter. Com Elizabeth Platel, Manuel Legris e o Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Hoje, às 21 horas, em única apresentação no Grande Teatro do Palácio das Artes.

Ingressos a Cr\$ 1.200 (platéia) e Cr\$ 800 (balcão)



ALAN RODRIGUES



Manuel Legris, Elizabeth Platel e o coreógrafo Pierre Lacotte são as atrações internacionais do balé, encenado também por bailarinos cariocas